

RELATO DE PESQUISA

A EROTIZAÇÃO DOS CORPOS NO FORRÓ ELETRÔNICO: um estudo da recepção juvenil em Caxias-MA

Fábio Soares da COSTA⁶²

Janete de Páscoa RODRIGUES⁶³

RESUMO: Esta pesquisa lançou um olhar sobre a relação entre a oferta de sentidos midiáticos do forró eletrônico sobre o corpo feminino e o processo *encoding/decoding* (HALL, 1997) a partir de narrativas juvenis de alunos de uma escola pública estadual do ensino médio da cidade de Caxias-Ma. Metodologicamente foi utilizada a análise de conteúdo categorial (BARDIN, 2011), para analisar os conteúdos das letras do forró eletrônico das bandas “Limão com Mel”, “Furacão do Forró” e “Garota Safada”, bem como identificar os sentidos de construção do corpo feminino e suas negociações presentes na recepção juvenil, que apresentou decodificação negociadora, uma mulher plural e um corpo erotizado.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Erotismo. Jovens. Mulher.

ABSTRACT: *This research glanced about the relationship between the supply of the electronic media senses “forró” on the female body and the process encoding/decoding (HALL, 1997) from juvenile narratives of students in a public school high school in the city of Caxias-Ma. Methodologically was used analysis content categorial (BARDIN, 2011), to analyze the contents of the letters of the electronic “forró” bands “Limão com Mel”, “Furacão do Forró” and “Garota Safada”, and to identify the construction of meaning of female body and its negotiations present in juvenile reception, which had negotiated decoding, a plural wife and an erotic body.*

KEYWORDS: Body. Eroticism. Young. Woman.

1. Apresentação

No forró eletrônico, as letras das músicas falam sobre mulheres, relações amorosas e sexuais, descrevem corpos e condutas para a existência feminina, constroem representações que são aceitas e utilizadas em suas práticas sociais. Essas músicas, consumidas por meio do rádio, TV, internet e, principalmente nos shows, ofertam representações do cotidiano

⁶² Mestre em Comunicação pelo PPGCOM da UFPI. Especialista em Supervisão Escolar pela UFRJ e Educador Físico licenciado pela UFPI. Docente da Faculdade do Médio Parnaíba – FAMEP. E-mail: fabiosoares.com@hotmail.com

⁶³ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Docente do PPGCOM - Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: janetepascoa@yahoo.com.br

feminino gerando identificação com a cultura do forró eletrônico (TROTTA, 2009a). Assim, acreditamos que essas músicas oferecem sentidos de identidades às mulheres que as ouvem, que se adequam às representações oferecidas por essas músicas, se autorepresentando. No entanto, tais representações são absorvidas subjetivamente por cada pessoa a quem se dirige de maneira particular.

Teresa de Laurentis (1994, p. 212) aponta questões fundamentais para se entender esses processos de significações de gênero, que, segundo ela, é uma representação: “[...] o sistema sexo-gênero é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado a indivíduos dentro da sociedade”.

Os sentidos produzidos pelos sujeitos receptores sofrem forte influência dos meios-instituições, que estão em contínuas negociações a despeito dos deslocamentos culturais que podem ser produzidos em cada contexto de usuário de mídia. O processo de construção de sentidos é algo que necessita de investigação exaustiva, e o interesse nesta pesquisa reside em dois momentos específicos, interconectados pelas relações culturais: (1) o momento de produção midiática das bandas de forró eletrônico, interpelado a partir das estruturas de sentido, repertórios culturais e estéticos de estudiosos do tema. A ideia de estruturas de significado é recuperada a partir de Stuart Hall (2000; 2006; 2009) com a proposição de seu modelo codificação/decodificação, no qual essas estruturas, de certa forma, simbolizam as referências identitárias e os repertórios culturais/estéticos dos envolvidos; (2) o momento da recepção dos deslocamentos culturais produzidos pelo forró eletrônico no concernente aos sentidos de representações simbólicas femininas no contexto das relações entre os gêneros/sexos, levando em conta tanto o panorama agonístico do pós-moderno quanto à perspectiva das interculturalidades na contemporaneidade.

Para Hall (2006), os deslocamentos culturais acontecem segundo alterações espaço-temporais, e, no Nordeste, as dinâmicas de trabalho e lazer acontecem a partir de ritmos frenéticos e descentrados, representados no imaginário social do forró, por exemplo. Essa condição ocorre não apenas como a supressão do antigo pelo novo, mas a partir de profunda problematização do presente e da perspectiva “pluralista que aceita a fragmentação e as combinações múltiplas entre tradições, modernidade, pós-modernidade, a qual é indispensável para considerar a conjuntura latino-americana.” (GARCÍA CANCLINI, 2006, p. 352).

Frente ao exposto, esta investigação problematiza as relações de ancoragem,

imbricamento e complementaridade de um triângulo discursivo que envolve a cultura do forró eletrônico, as representações simbólicas da mulher e do seu corpo e a audiência juvenil, assim questionando:

Que sentidos são enunciados por meio das letras das músicas, dos vestuários usados pelo(a)s vocalistas e dançarino(a)s, pela movimentação e gestualidade realizadas pelos atores das bandas investigadas que se relacionam ao corpo da mulher?

A partir deste questionamento é que passamos a entender que a análise do forró eletrônico sob a ótica dos estudos culturais e suas subjetividades implica reconhecer que, no campo cultural, a mídia é cada vez mais responsável pela emergência de formas de vida muitas vezes incompreendidas por setores da sociedade mais conservadores, todavia, nos ajudam a entender a proximidade entre o processo de criação de sentidos de gênero e nordestinidade ligados à cultura da mídia.

Neste contexto, o objetivo geral deste estudo é investigar o processo de construção de sentidos midiáticos entre jovens estudantes do ensino médio de uma escola pública estadual da cidade de Caxias-MA, consumidores de forró eletrônico, a partir das representações simbólicas da mulher e do seu corpo, quando esses jovens interagem com as mensagens sugeridas via bandas de forró eletrônico midiaticizadas. Os objetivos específicos são os de analisar os conteúdos apresentados nas letras do forró eletrônico midiaticizado referente à oferta de sentidos constituidores sobre o ser feminino e o seu corpo, assim como identificar sentidos de feminilidade relacionados ao corpo da mulher, figurino, dança, gestualidade e demais narrativas textuais e imagéticas presentes nos produtos midiáticos (dvd) de bandas de forró contemporâneo, bem como seus reflexos na recepção

Esta pesquisa observou os olhares voltados às representações simbólicas da mulher, ou seja, como a mulher e seu corpo são apresentados nesses dispositivos midiáticos, e que sentidos sobre o corpo feminino e da mulher são preponderantes nas enunciações desses produtos midiáticos. E assim, numa perspectiva macro, conclusiva, mas aberta, porosa, temporal e delimitada nesse tempo, a produção subjetiva dos jovens pesquisados apontou para a construção de representações das mulheres e dos seus corpos de um modo plural, mas, sobretudo, erotizados e referenciais de beleza. Quanto às mulheres, estas foram apresentadas como negociadoras de diversos sentidos apropriados da cultura do forró e das trocas simbólicas das comunidades de significação em que estão inseridas.

2. Procedimentos metodológicos

A pesquisa é de natureza qualitativa, pois o interesse nos processos suplanta o interesse nos resultados ou produtos, onde o investigador assume papel primordial. A fonte de dados é o ambiente natural, e a análise desses dados tem forte carga indutiva, conforme Triviños (1987). É uma pesquisa do tipo descritiva, pois “Os dados recolhidos sempre serão em forma de palavras e/ou imagens. Os resultados escritos contêm unidades retiradas das falas dos atores, dos diários de observação, de documentos, etc.” (TEIXEIRA, 2012, p. 123).

Empregamos o método descritivo no tratamento dos resultados da pesquisa de campo no referente à análise dos dvd, bem como das falas dos receptores acerca do tema da pesquisa, coletadas durante a realização de grupos focais (GF). Ainda, utilizamos a análise de conteúdo categorial (AC), preconizada por Laurence Bardin (2011), tanto na análise dos produtos midiáticos quanto da recepção juvenil, pois consideramos que esta opção metodológica ancora-se no rigor técnico, apresenta o método de forma compreensível e organizada, apontando um caminho que potencializa a observação da produção da subjetividade humana, ofertando-nos sentido, significância e segurança para o alcance dos objetivos pretendidos pela pesquisa.

Dessa forma, encontramos apoio e fundamento em Bardin (2011, p. 37, grifos da autora) quando fala do campo de pesquisa que se relaciona a estes procedimentos metodológicos:

A análise de conteúdo é um **conjunto de técnicas de análises das comunicações**. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.

A pesquisa pressupõe a passagem por duas fases:

1) Análise dos produtos midiáticos das bandas de forró eletrônico: dvd “Limão com Mel – Turnê Faz um coração”, dvd “Garota Safada – Uma nova história” e dvd “Furacão do Forró – Ao vivo em São Luís-Ma”; e

2) Análise dos grupos focais (GF) com estudantes do ensino médio da rede pública de ensino da cidade Caxias-MA.

A seleção dos participantes foi intencional conforme tratam Kirsten e Rabahy (2006), em que utilizamos o juízo particular de recrutamento de estudantes jovens que gostam de

dançar, ouvir as músicas, ir aos shows e que adquirem produtos midiáticos das bandas estudadas, ou seja, que possuam certo grau de representatividade subjetiva sobre o tema. Como a pesquisa é qualitativa, selecionamos como sujeitos do estudo 44 alunos do ensino médio da rede pública estadual da cidade de Caxias, estado do Maranhão. Os participantes são de ambos os sexos, jovens com idade entre 18 e 25 anos, moradores de Caxias-MA e estudantes do Centro de Ensino Inácio Passarinho.

O entendimento etário de jovem é aqui apropriado das contribuições de Andrade e Silva (2009) quando esclarecem que a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) em coadunação com o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), criados no ano de 2005, definiram como jovens aqueles com idade entre 15 e 29 anos. Tal faixa é adotada na proposta de Estatuto da Juventude, em discussão na Câmara dos Deputados, com os subgrupos de 15 a 17 (jovem-adolescente), de 18 a 24 anos (jovem jovem) e de 25 a 29 anos (jovem-adulto).

Os GF foram realizados nos dias 13, 16 e 17 de dezembro de 2014, com alunos do primeiro, segundo e terceiro anos do ensino médio do Centro de Ensino Inácio Passarinho, na cidade Caxias/MA. Sua realização foi precedida por esclarecimentos, pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e pelo preenchimento de um questionário com informações que possibilitaram organizar um perfil dos receptores de cada GF e de todo o grupo de alunos pesquisados.

O conjunto de alunos pesquisados, 44 possuem, em média, 19,4 anos, sendo 18 anos a menor idade considerada e 25 a maior. Desses alunos, 25 são do sexo masculino e 19 do feminino. A renda familiar média dos pesquisados é de um salário mínimo e meio. São majoritariamente católicos, 84%; e solteiros, 93%. 100% dos participantes gostam de forró e de forró eletrônico.

Giroux (1995, p. 98) traz uma síntese das preocupações dos estudos culturais: “[...] o estudo da produção, da recepção e do uso situado de variados textos, e da forma como eles estruturam as relações sociais, os valores e as noções de comunidade, o futuro e as diversas definições do eu”. Numa continuidade desse raciocínio, Giroux (1995) relaciona sons e imagens (dispositivos midiáticos) nesse processo, assim como ressalta que os textos culturais extrapolam as fronteiras dos estados nacionais. Assim, hoje, nosso público-alvo da pesquisa (alunos do ensino médio) experienciam mais a convivência com a TV e recursos eletrônicos midiáticos, inclusive na escola, do que com a própria escola, o que nos impõe considerar o

poder constituidor e subjetivador da mídia no mundo atual e no recorte por nós realizado para o estudo.

Quanto a outras práticas sociais, identificamos que 55% dos alunos pesquisados trabalham durante o dia, todavia apenas 27% consomem forró durante o trabalho ou nos intervalos desse. Mas, como estudantes, 55% deles consomem forró nos intervalos das aulas, sobretudo com o uso de celulares e *smartphones*.

Como estratégia de garantia do anonimato dos alunos pesquisados, os GF tiveram seus integrantes identificados por pseudônimos constituídos por uma letra do alfabeto, precedida pelo prenome ALUNO ou ALUNA, identificando os gêneros masculino e feminino, e seguida pelo número do GF a que ele pertence, por exemplos: ALUNO A – GF 1; ALUNA E – GF 4.

3. Os estudos culturais e o modelo *encoding/decoding*

Ao extrairmos do pensamento nossas inquietações sobre o questionamento: o que é Comunicação?, passamos a refletir sobre abordagens comunicacionais que nos incumbem a necessidade de percorrer um caminho histórico-conceitual, mesmo que superficial, sobre os entendimentos a respeito do processo comunicacional, com defesa a partir dos estudos culturais e desemboco nos estudos de recepção/consumo.

Filiamo-nos a Eagleton (2005) e Thompson (2002) na crença de que não existem seres ou indivíduos não culturais, pois estes são produtores de cultura. A identificação com um ser cultural é apenas admitir que a condição humana é sempre encarnada em alguma modalidade cultural específica. Essa defesa é alicerçada no percurso histórico contemporâneo e apresenta uma coerência factual, a exemplo, observamos que as situações de miséria e exploração em diferentes partes do planeta apresentam distintas formas culturais.

A defesa por um enlace cultural com o aporte teórico-metodológico da pesquisa de recepção notadamente é por conta de que o engendramento cultural se relaciona com as representações de mundo, de sociedade, do eu, que a mídia e outras maquinarias produzem e colocam em circulação. Dessa forma, as visões de sociedade e os valores adquiridos no ver e no conhecer promovem evidência da problematização dos artefatos de comunicação e informação na vida contemporânea, com efeitos na política cultural que ultrapassam e/ou produzem as barreiras de classe, gênero sexual, modo de vida, etnia e tantas outras.

Ao privilegiar esse entendimento de cultura, pensamos também perceber a interdisciplinaridade existente entre essa e os estudos comunicacionais, pois o ser humano é produtor de cultura e a produz por processos comunicacionais, como apresentamos no escopo de nossa investigação. Daí, percebemos a transversalidade existente entre os aportes culturais e os comunicacionais, que se integram constantemente, numa semiose produtora de sentidos.

Stuart Hall inaugurou, em 1973, o *encoding/decoding model* como ponto de partida para a mudança do foco do texto para o leitor. Nesse modelo, a codificação dá-se no processo de produção e a decodificação no consumo/recepção, onde percebemos o uso de estratégias de leitura/recepção por parte dos leitores, que podem ser: a) dominante: o sentido da mensagem é decodificado segundo os objetivos da produção; b) oposicional: o receptor entende a proposta dominante, mas interpreta de maneira alternativa, com outra visão de mundo; e c) negociada: o sentido da mensagem entra em negociação, sendo um misto de lógicas contraditórias, com valores dominantes e de refutação (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005; MAIGRET, 2010).

Hall (1997) trata a cultura de maneira centralizada, um componente de todos os aspectos da vida social contemporânea. Seu fundamento está nas práticas de significação que passam por uma perspectiva interpretativa, organizacional e reguladora da conduta humana, tendo alcances interdisciplinares na organização social. A centralidade da cultura desencadeada por Stuart Hall está na sua relação com as tendências globalizantes e a vida doméstica, local, devendo ser esta tratada de forma protagonizada.

Esse entendimento consegue deslocar a relação direta de comunicação da produção de cultura para a de mediações culturais, que dão conta de novas formas de vida social, consegue ressignificar a figura do ser passivo frente aos meios massivos para a impassividade, para a pluralidade das audiências, que sacramenta a recepção como o *locus* da produção de sentidos, negociados a partir de um panorama cultural do emissor e do receptor.

4. O forró eletrônico e a mulher

O forró, antes conhecido apenas como baião, tocado por batuques e maracatus africanos, somente na década de 40 do século XX, por iniciativa de Luiz Gonzaga, foi inserido no mercado fonográfico, alastrando-se por grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo. Consagrou-se com a denominação de forró tradicional, desde então, serve de referência para todos os outros estilos de forró contemporâneos. É música urbana, mas de

origem rural, e funciona como ponte conectando culturas e gostos estéticos distintos, contribuindo sobremaneira na consolidação de uma visão de identidade nordestina, através das expressões, gestos, dança, do sotaque regionalista e das roupas, introduzidas por Luiz Gonzaga no contexto identitário do nordestino (SILVA, 2003).

Contudo, passando pelo forró tradicional (pé-de-serra) e forró universitário, na década de 90 do século XX iniciou-se a popularização do forró eletrônico, que trouxe sentidos identitários diferentes dos demais estilos de forró. Segundo Cunha (2011), o forró, produto cultural, emerge associado fortemente a uma ideia de nordestinidade, todavia, no forró eletrônico é possível suspeitar que exista uma relação de distanciamento com esse sentido. Enquanto o forró tradicional representou um elemento a ser somado a outras manifestações regionais do restante do país, o forró eletrônico pautou-se na afirmação de uma única nordestinidade. Tampouco ele poderia deixar de articular elementos diversos que ajudariam a forjar uma nação forrozeira como algo simultaneamente além e aquém do Nordeste e de modos de ser a ele correlatos. Dentro de um contexto de identidade cultural e de sentidos de identidade, o forró eletrônico está inserido naquilo que Hall (2000) entende por novos tempos, na contemporaneidade, onde as subjetividades têm se tornado importantes alvos de estudo e preferências.

Segundo Silva (2003), o forró eletrônico, também chamado de forró pós-moderno, inseriu em seu *corpus* um elemento semiótico importante: a exposição de mulheres atraentes, de corpos esculturais, anatomicamente ressaltados e quase sempre à mostra. Daí, possamos entender porque, para Trotta (2009), as características eróticas observadas nas letras do forró eletrônico reforçam as características tradicionais de nossa sociedade, onde o poder do homem sobre a mulher é um fato social, real, atual e relativamente dominante, sobretudo nos discursos masculinos.

Todavia, apesar de observarmos que, nessas letras, a sujeição exclusiva ao poder patriarcal é presente e se configura como a base para o comportamento submisso da mulher, também observamos o reverso, o inverso, o controverso, que são as letras que trazem um empoderamento feminino, de valorização do seu corpo, sua moral, sua individualidade e apego à sua vida privada, que pode desenvolver-se com um outro parceiro, ou até mesmo sem eles – homens. (música um -“Poderosa, linda e perigosa” – banda “Furacão do Forró”)

No contexto da mídia, a imagem do corpo feminino passa por um processo de

mercantilização. Evidenciamos cada vez mais um corpo descoberto na busca do atingimento de objetivos capitalistas. E essa evidência dá-se, sobretudo, por processos midiáticos, orientados por lógicas de mercado, onde empresas produzem mercadorias, informação, entretenimento e publicidade, que, integrados, formam suas bases de interesses. E assim é a indústria cultural do forró eletrônico.

Observamos que o corpo feminino está mais desprovido de subjetividade, alvo apenas da lógica capitalista, que o coloca na infeliz condição de bem de consumo. Paralelamente, a aparição crescente dessa problemática de mercantilização do corpo feminino através dos apelos midiáticos faz emergir a discussão sobre a necessidade de se reverter essa situação, que reflete a ideia de que o corpo da mulher, ao mesmo tempo que é seu, não lhe pertence (GOELLNER, 2001).

Como nosso objeto de análise é a imagem feminina, trazemos algumas oportunas contribuições de Judith Butler (2000) sobre a diferença dos sexos, defendendo que a categoria do sexo é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Michael Foucault chamou de ideal regulatório. Segundo a autora, é nesse ponto que, ao perceber que o sexo é materializado como prática regulatória que gerencia, produz e transforma os corpos, a autora também nota que existem sinais de que a materialização não é nunca totalmente completa, e que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Assim, essa instabilidade transforma-se em possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marca um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória.

5. O corpo erótico como categoria de análise

A análise de conteúdo a partir das letras das músicas apresentadas nos dvd foi realizada com 64 músicas, 22 da banda “Garota Safada”, 22 da banda “Furacão do Forró” e 20 da banda “Limão com Mel”, onde foram identificados 161 sentidos ofertados nessas letras. Esses sentidos foram agrupados a partir de duas variáveis: quantidade e similaridade, ou seja, observamos os sentidos que mais são ofertados em cada dvd, bem como na união de todos eles. Também reunimos os sentidos por suas similaridades formando categorias de análise, as quais destacamos para nossa discussão a de corpo erótico.

Os sentidos de sexo, erotismo, sensualidade feminina, sedução, desejo, excitação masculina e de mulher safada foram associados numa mesma categoria de análise, pois estão diretamente relacionados às representações simbólicas da mulher e do seu corpo. Essa categoria é a que mais se coaduna com a análise realizada a partir da observação visual dos shows, pois representa os sentidos de maior conexão simbólica entre as letras das músicas e as coreografias realizadas pelas dançarinas em solo ou com seus pares. Apesar de a frequência desses sentidos ser menor do que a dos de romance e empoderamento masculino, quando analisadas em conexão com essas, potencializam o seu poder simbólico frente ao conjunto discursivo dos produtos midiáticos analisados. Esses sentidos aparecem em 23 das 64 músicas analisadas, pertencendo, assim, a 15% de todos os sentidos ofertados nas músicas.

Sentidos como os de erotismo, sensualidade feminina, sedução, desejo, excitação masculina e de mulher safada são todos percebidos na letra da música “Não Pare” da banda “Garota Safada”.

Na semiose formada pelo conjunto de músicas que traduzem essa categoria de análise, é perceptível que a mulher ocupa um lugar secundário, com explícitas evidências de subordinação, o que para nós é o resultado da universalidade do gênero como estrutura de dominação masculina. Essas músicas reforçam desigualdades e o aparente empoderamento sobre seu corpo, fazendo dele o que bem entende, não chega a ser suficientemente simbólico para desarticular a relação assimétrica entre homens e mulheres, para trazer-lhe a liberdade devida, para ser insurgente ao homem, para tirar o acento da distinção tradicional de papéis entre homem e mulher. Os novos comportamentos femininos, sua modernização e emancipação social perdem força com a cultura do forró eletrônico, na medida em que a estigmatização do papel da mulher como safada, mas aceitável e reproduzida nas músicas. Assim, Lima e Freire (2010, p. 10) esclarecem. O forró eletrônico:

Apropria-se de características e estereótipos femininos pertencentes à cultura nordestina e dá a eles uma nova roupagem, com o aproveitamento de signos antigos e criação de novos, que explicitam conduta e representação, não publicando a fala feminina, ou seja, em como a mulher se vê e se percebe nesse cenário, cuja temática é geralmente ela, com forte apelo erótico.

6. Percepções juvenis sobre um corpo erótico

Foi percebendo o protagonismo juvenil no campo cultural que nos filiamos à perspectiva de estudar o consumo cultural de jovens, explorando suas representações de gente, de gênero e de si em meio ao próprio consumo do forró eletrônico. Estudo esse que se

junta a tantas outras pesquisas de natureza social que acompanham o perfil demográfico, institucional, de mercado de trabalho, de sociabilização e de consumo, com jovens, que vem aumentando nas últimas duas décadas, conforme verificamos em relatório publicado em 2009 que aponta a situação social brasileira até o ano de 2007. (CASTRO; RIBEIRO, 2009)

O estudo pensa em jovens não naturalizados, pensa em condições objetivas de sociabilidade juvenil fragmentadas, em constante negociação com o mundo moderno, cheio de novidades, obstáculos, êxtase, depressões e incertezas. É do que trata Bauman (1999), a glocalização comunicativa, que hibridiza esse jovem que ouvimos e estudamos aqui, portanto, seu endereço social é transitório, influenciado, é claro, pelo meio social, por sua cultura de origem, sua cor, raça, sexo/gênero, pelo que vê e escuta.

O sentido de erotismo pode ser identificado entre os jovens nas falas de ALUNO A – GF 1, ALUNO A – GF 2, ALUNO C – GF 5 e ALUNO B – GF 5, que apresentam valores de erotismo e sensualidade relacionados ao seu consumo de forró e de como veem as dançarinas das bandas.

O vídeo da Garota Safada fala mais da forma como a mulher dança, da sensualidade dela, ensinando as mulheres dançar com sensualidade. [...] Ah! Aí eu dou valor, rapaz! Quando começa a mexer a bunda, aquelas coisas ali é linda demais. Oxe! Uma bunda daquele tamanho ali, é claro, professor, quem é que não se anima? Qual o homem que não vai gostar? Rapaz, eu sinto prazer e a pessoa fica alegre, é isso. (ALUNO A – GF 1)

Eu concordo com o ALUNO A–GF1, mas eu gosto de letras que fala de imoralidade, porque eu acho mais espontâneo, tem mais a ver com meu estilo. (ALUNO A–GF 2)

Eu não gosto quando a roupa das dançarinas é longa, porque num chama atenção. Tem que chamar a atenção, tem que mostrar a barriga. (ALUNO C – GF 5)

É uma belezura. O formato das bichas oh! Das pernona, das bunda. O corpo dela é massa. Cheinhas [...] Só de minissaia, calcinha fio dental (ALUNO B – GF 5)

Contudo, percebemos sentidos em circulação que se opõem à valorização erótica e sensual das narrativas acima. É o exemplo das alunas ALUNA E – GF 2 e ALUNA J – GF 2. Para as alunas,

A mulher é desmoralizada. Em algumas letras, porque, professor (...), em muitas músicas, assim que usam, assim, o nome da mulher, assim, de forma pejorativa [...] muitas músicas que chamam a mulher de puta, de num sei o quê, aí, também, tá desmoralizando a mulher, algumas. [...] Outras tratam a mulher normal. (ALUNA E – GF 2)

Na dança, eu não gosto das coisas de sacanagem. Tem uma música do “Washington Brasileiro” que eu fui aqui, que é obrigado, a mulher subir em cima do homem e o homem fica (a aluna faz gestos sexuais). Eu num acho isso bom, não. (ALUNA J – GF 2)

Assim como Hall (1997) apresenta, no modelo *encoding/decoding*, a mudança do foco do texto/imagem para o leitor, percebendo nesse a possibilidade de leitura/recepção oposicional, onde o receptor entende a proposta dominante, mas interpreta de maneira alternativa, com outra visão de mundo, observamos também esse contexto nas narrativas juvenis desta pesquisa. ALUNA I – GF 4, que se opõe a esse modelo industrial cultural de corpo feminino quando diz:

Já eu vou falar o contrário. Pra mim, isso daí num importa, esse negócio de malhar, pra mim é o corpo normal, pra mim, o que eu tenho mais assim é os seios: pequenos, cintura fina, num importa se a bunda é grande ou não, pra mim tanto faz. As pernas nem muito grossa, depende da cintura, normal, sem malhar, sem nada.

Também com este posicionamento, ALUNA E – GF 1 contraria: “Eu não gosto do exagero. Em nem todas as dançarinas tudo é 100% natural. Sempre tem um exagero aqui e acolá. A questão do silicone (...) É que elas vão além do limite”. ALUNA F – GF 1 reforça: “Elas se tornam mais feias quando exageram tanto em silicone, acho que ficam mais feias. Porque é muita coisa, seio muito grande, bumbum muito grande...”. E ALUNA H – GF 2 conclui: “É, o corpo de algumas são, mas de outras não, é muito malhado. Tem umas que exageram demais e aí fica muito grande, sei lá, diferente”.

Assim, verificamos nesta recepção a valorização de uma enunciação oposicional, compreendendo que a heterogeneidade é necessária para o entendimento da subjetividade humana e, principalmente, para, sem reificá-lo, amplificar o lugar do leitor ativo que recebe, interpreta e põe em circulação mensagens nem sempre pretendidas pela mídia.

E, recuperando, mais uma vez, o *encoding/decoding model*, percebemos que as estratégias de leitura/recepção por parte dos leitores podem ser negociadas. Nelas, o sentido da mensagem entra em negociação, sendo um misto de lógicas contraditórias, com valores dominantes e de refutação. (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005; MAIGRET, 2010).

7. Considerações finais

O forró eletrônico, enquanto cultura regional, mostrou-se uma mediação simbólica rica e de contribuição decisiva para entendermos as subjetividades humanas, os processos de globalização e os seus efeitos em uma cidade do interior do Maranhão, onde as juventudes estudadas passam por um processo de intensa ressignificação, apesar de todas as forças conservadoras, medievais e patriarcais que tentam mantê-las como estão. Por isso, a escolha dos estudos culturais para alicerçar nossas pretensões. Pretensões essas de tensionar preceitos

da perspectiva elitista da cultura e incluir uma epistemologia que reconecta teoria e prática com características fundamentais dos estudos culturais, sem deixar de lado o pensamento crítico. Trata-se do exercício de realizar análises culturais de uma outra maneira, com a refutação de pressupostos tradicionais e a criação de categorias laxas.

E em se tratando de categorias, como estratégia de análise dos dados, tanto da produção, quanto da recepção, identificamos, nos dvd das bandas Limão com Mel, Furacão do Forró e Garota Safada, a categoria de erotismo, que também foi localizada nas narrativas dos jovens estudados

Diante desses resultados, da produção e da recepção, concluímos que a cultura do forró eletrônico possui uma discursividade múltipla, onde sentidos oriundos da indústria cultural do forró são tensionados com os sentidos da cultura popular, da tradição agropastoril do baião de 1940, com a oferta tecnológica para ouvir, ver e produzir o próprio forró, com forças emergentes de emancipação feminina e com as ressignificações identitárias que cada jovem consumidor possui. Cada jovem aluno ouve, assiste e interpreta o forró de uma maneira distinta. Alguma homogeneização ainda é percebida, sobretudo, no padrão dicotômico de comportamentos próprios do homem e os comportamentos próprios da mulher. Contudo, nada que se compara às negociações de sentidos observadas no estudo, que nos revelaram jovens consumidores conscientes de seus interesses de audiência.

Definitivamente, pensamos que entender a relação entre as juventudes e o forró eletrônico midiaticizado, primeiramente, deve colocar em destaque a emergência dos jovens como atores sociais, tecnológicos, sensíveis e criadores de sentido. Notamos, nesse tempo de pesquisa com os jovens caxienses, que esses assumem as relações sociais como experiência fortemente afetuosas, principalmente, pela valorização estética, e pela corporeidade relacionada à cultura do forró eletrônico, que funcionam, muitas vezes, como sua fala, a maneira que têm de expressar suas preferências.

Escolhemos a análise de dvd como elo entre nosso estudo e a proposta da linha de pesquisa, mídia e produção de subjetividades, porque entendemos que existe um processo hegemônico que envolve diversas tecnologias da informação que organizam um sistema cultural dominante. Contudo, também, levamos em consideração que o leitor participativo pode acatar, negar ou negociar esses sentidos dominantes, ora subordinando-se, ora insurgindo-se contra esse regramento simbólico naturalizado. Por isso, analisar produção e

recepção numa mesma pesquisa.

Este estudo não tem a pretensão de colocar-se como pesquisa finalizada. Dessa forma, nossas conclusões devem ser objeto de reflexão, complementaridade e maior exploração por parte de mais pesquisadores da cultura e comunicação, pois são posicionamentos abertos a discussão e relativização espaço-temporal.

Acerca da imagem da mulher e do seu corpo no forró eletrônico midiático, concluímos que os jovens participantes do estudo veem essa mulher como um agente simbólico, constituinte de um complexo cultural que agencia uma multiplicidade de sentidos que servem a diversos fins.

Primeiramente, sentidos aparentes nas narrativas apontam para a convergência entre a oferta dos dvd e a defesa dos jovens: a do binarismo sexual. Para os jovens, fica claro que a mulher é heterossexual, pois seu papel social, seja de mulher da casa, seja de dançarina promíscua, somente abarca relacionamentos amorosos com sujeitos do sexo oposto. Essa condição é estruturante para uma outra conclusão firmada, a de que existe uma dicotomia feminina consolidada no imaginário dos jovens pesquisados. A de que existe uma mulher direita, para o casamento (vestida de roupas longas, compenetrada e doméstica) e outra “safada”, para o sexo (dançarina, que rebola, desnuda e que gosta de se mostrar). Imaginário preponderantemente enunciado pelos alunos, que gerou pontos de discussão e oposição de algumas alunas, que enunciaram tê-la como uma profissional como outra qualquer. Todavia, quando indagada sobre dançarinos, apresentaram, em sua maioria, representações patriarcais semelhantes às dos alunos.

Tácita, também, é a condição da mulher, dançarina de forró eletrônico, como elemento catalisador de audiência televisiva e dos shows de forró. A maioria dos jovens estudados, tanto do sexo masculino como feminino, concordam que a mulher é parte de uma estratégia mercadológica para vender cd, dvd e atrair público para os shows, majoritariamente ocorridos no Nordeste do Brasil e fonte maior de renda das bandas de forró. Para essas juventudes, a mulher no forró eletrônico é linda. Seus atributos corporais de “pernona”, “bundona” e “peitão”, “mulher gostosa”, que leva a um imaginário erótico e de sensualidade para os garotos e de “um dia eu gostaria ser ela” para as garotas fazem dessa mulher um ícone referencial de beleza feminina. Algumas poucas negociações dessa representação simbólica sexual e de estética a ser atingida pelas jovens surgiram, representando a oposição em relação

às estratégias de consumo da indústria cultural do forró eletrônico, todavia, em maioria, a mulher no forró eletrônico é um ícone referencial de beleza, tanto para alunos, quanto para alunas.

A imagem da mulher no forró eletrônico midiaticizado é plural, mas a dos seus corpos é erotizada. E os jovens também entendem isso, pois seus modos de ser e estar também são plurais. Essa mulher, por vezes, violentada simbolicamente pela indústria cultural, é reconhecida como ícone e beleza, estratégia de consumo mercadológico, profissional, esposa para uns e amante erótica para outros, apaixonante bailarina e independente financeiramente, empoderada do seu corpo, que agora diverte-se igual aos homens e é traidora conjugal, sobretudo por vingança. É uma mulher que já não perdoa tanto, mas ainda sonha com seu príncipe. É uma mulher negociadora, de sentidos e de posições sociais, de lugares de ser, estar e de se resignificar.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carla Coelho; SILVA, Enid Rocha Andrade da. A política nacional de juventude: avanços e dificuldades. In: ANDRADE, Carla Coelho de; AQUINO, Luseni Maria C. de; CASTRO, Jorge Abrahão de (Org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Pedagogia da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: 2000.
- CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- CASTRO, Jorge Abrahão de; RIBEIRO, José Aparecido Carlos. (Org). **Situação social brasileira – 2007**. Brasília: IEPA, 2009. 220 p.
- CUNHA, Marlécio Maknamara da Silva. **Currículo, gênero e nordestinidade: o que ensina o forró eletrônico?** 2011. 151 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 9-125.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hackers, 2005.
- GIROUX, Henry A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da, (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- GOELLNER, Silvana Vilodre, A Educação Física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. **Motrivivência**, Ano XII, n. 16, mar. 2001.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. São Paulo: DP&A. 2006.
- _____. **A identidade na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- _____. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2009. 410 p.
- KIRSTEN; José Tiaci; RABAHY, Wilson Abrahão. **Estatística aplicada às ciências humanas e ao turismo**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- LAURENTIS, Teresa de. “A tecnologia do gênero”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.) **Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- LIMA, Maria Érica de Oliveira; FREIRE, Libny Silva. Os discursos no forró eletrônico: comportamento masculino x feminino. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 8, n. 16, p. 1-12, 2010.
- MAIGRET, Éric. **Sociologia da comunicação e das mídias**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010. p. 163-251.
- SILVA, Expedito Leandro. **Forró no asfalto: mercado e identidade sócio-cultural**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.
- TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias; acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 165-215.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- TROTTA, Felipe. O forró eletrônico no nordeste: um estudo de caso. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 20, p. 102-116, jan.-jun. 2009a.